

Artigo e Entrevistas M.L.P.  
- A Condição das Mil Aldeias.

Revista - Gaude Refortaseu.

Fundação Cuidar o Futuro



19 a 25 de Abril 85

Fundação Cuidar o Futuro

"QUERO PÔR O PAÍS  
A FUNCIONAR"

- Entrevista

- Adeline Gomes

Fundação Cuidar o Futuro

- (integrado num longa art.  
sobre a campanha)

- Revista "GRANDE REPORTAGEM"



19.25 Abril 1985



ANTÓNIO BARRETO: A DESFORRA AGRÁRIA

# GRANDE REPORTAGEM

N.º 20 • SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO • 19.ª A 25 DE ABRIL 85 • 120 ESC.



## PINTASILGO

**QUERO  
POR O PAÍS  
A FUNCIONAR**

Fundação Cuidar o Futuro

**A polémica do  
SuperPorto**



# GRANDE REPORTAGEM



## PINTASILGO

**Sem partido e sem o apoio de Eanes, fora dos écrans desde 7 de Dezembro de 1979, Maria de Lourdes Pintasilgo prepara-se para disputar a Presidência da República com Mário Soares. Quer pôr o país a funcionar e diz que para isso lhe bastam os poderes da Constituição. Tem o apoio duma elite técnica e funcional, que pretende substituir os advogados e burocratas que governam Portugal desde o século passado. Os adversários vêem nela o MFA de saias.**

Adelino Gomes



# A CAMPANHA DAS MIL ALDEIAS

Naquela noite na vila, a chegada do jornalista aumentou para cinco o número de reuniões. Só à sua conta, António Francisco Pereira de Sousa, ferroviário, tinha a posse da direcção da cooperativa de habitação Sopovo e a reunião, logo a seguir, da Comissão da Festa da Bênção do Gado, tradição que será retomada em 28 de Junho, depois de 12 anos de paragem. Ainda se pensou mudar a data das entrevistas. Mas logo alguém lembrou a dificuldade em encontrar uma noite com toda a gente livre numa terra onde existem 39 (trinta e nove) associações: a Filarmónica, o Clube Atlético, o Rancho, a Columbófila, a Comissão Pró-Museu, o Grupo Coral, a Dança Jazz.

Riachos. É escusado procurar no mapa do Automóvel Clube. Fica na Borda D'Água. Algures entre Torres Novas e a Golegã. Oito mil habitantes, vila desde Junho do ano passado, uma história que remonta aos alvares da nacionalidade, quando bois se ajoelhavam nos campos do Espargal diante duma imagem do Senhor Jesus dos Lavradores.

«A engenheira aqui ganha de certeza absolutíssima.» São bem uma dúzia os riachenses reunidos em torno duma sopa de pedra e dumas migas de caldeirada no alpendre da casa térrea do cantor Pedro Barroso, ele próprio filho da vila. Um agricultor, um professor do ensino secundário, duas assistentes sociais, dois funcionários dos caminhos de ferro, um bancário, o dono da casa, cultivador de batatas e de couves entre um espectáculo e a composição de mais uma letra para o novo disco. Há quem tenha vindo de Torres Novas, ali a três quilómetros. A candidatura de Pintasilgo inflama-lhes o orgulho baírrista. Existe nela o mesmo primado da independência que na GUIAR (Grupo de Unidade Independente e Apartidária de Riachos), a força política maioritária na vila. O presidente da Sociedade dos Cingeiros, Joaquim Alberto («fui padre, fui bate-chapas, fui revolucionário, fui preso, sou agricultor») explica-nos que para se fazer parte da lista tem de se ser militante de uma associação. Quem não for às reuniões é excluído. Uma vez eleitos, os membros da GUIAR encontram-se sempre antes das reuniões da assembleia de freguesia, para análise dos temas em agenda.

Em Riachos, Otelo ganhou as eleições de 76 e Eanes as de 80. PS e APU eram as forças maioritárias, antes de surgir a GUIAR. Entre os presentes há, porém, quem esteja longe destas áreas políticas. Carlos Lima, 42 anos, professor, define-se como «militante do grande partido Portugal, sempre em crise». Retornado, saudosos de Lourenço Marques, afirma-se «sem interesse pela política» mas declara que ficou impressionado com a força transmitida pela engenheira MLP num recente colóquio sobre ecologia na Casa do Povo local: «ela pode pôr o governo a governar, e com a experiência e o conhecimento que tem, está em condições de pedir contas aos diversos ministérios, desde o trabalho à educação». A seu lado a mulher, Maria de Fátima, e Maria Gabriela, ambas assistentes sociais, aplicam o mesmo raciocínio ao sector da sua especialidade.

É a primeira vez que Francisco Pereira de Sousa, 39 anos, vai participar numa candidatura presidencial. Ao chegar, já de madrugada, das duas outras sessões da noite, ele contará sobretudo as reacções à candidatura de Pintasilgo entre os activistas do cooperativismo («foi o primeiro chefe de governo a olhar o movimento cooperativo como uma força social»), ou entre funcionários da CP no Entroncamento, alguns deles militantes do PSD, PS e PCP «eh pá, ainda bem que essa mulher está virada para ser presidente!»).

Mas, então, o facto de ser mulher não funciona como desvantagem? Joaquim Carvalho, engenheiro da CP, autor de vários trabalhos sobre Riachos, activista da GUIAR, conta o caso da sua mulher e de mais outras quatro professoras primárias. Ao discutirem sobre a necessidade de surgir em Portugal uma pessoa capaz de congregar vontades, acabaram por concluir: «Venha lá então a mulher, já que os homens não conseguem dar conta disto».

Riachos e as professoras primárias amigas da mulher do eng. Carvalho são casos isolados num país de 10 milhões de habitantes. Os entrevistados da GR reconhecem que o factor «mulher» é bem capaz de exercer uma influência negativa «lá mais para cima». Um colaborador da GR realizou há duas semanas um conjunto de entrevistas junto

de mulheres do distrito de Vila Real. A única inquirida que exprimiu simpatia pela candidatura e manifestou o desejo de ver Belém ocupado por uma mulher estava de passagem em Vila Real, ida do Porto. Mas o «mais lá para cima» significa aqui, na região ribatejana, tanto o norte e o interior de cada concelho, como o norte e o interior da área de actuação do núcleo de apoio à candidatura, a qual nem sempre coincide com a divisão administrativa.

Zona predominantemente afecta ao CDS, a Sertã pode funcionar, neste plano, como teste para o resto do país. Será interessante ver até que ponto apoios isolados que já se manifestaram entre gente das madeiras, rurais e alguns padres, cristalizam ou se alargam de forma significativa. Um primeiro esboço de resposta será obtido este fim de semana se Lourdes Pintasilgo se deslocar até lá (a visita tem sido sucessivamente adiada), pois os colóquios, os almoços, os convívios com a candidata têm marcado em cada terra o arranque dos núcleos de apoio.

Aconteceu assim em Riachos, há um mês e meio em Pernes — a mãe de Mário Soares é de lá, Pedro Coelho também, o PS sempre ganhou nesta próspera terra exportadora de torneados de madeira, mas Raul Violante, industrial, ele próprio fundador do PS em Santarém considera que «são boas as perspectivas eleitorais» de Pintasilgo. Aconteceu o mesmo em Abrantes, onde apareceram duas raparigas de Senteiras — terra de um dos seus avós — as quais fizeram 20 quilómetros a pé (ida e volta) para conhecer a antiga 1.ª ministro, descendente de conterrâneos seus.

Na cidade, os drs. Mil-Homens e Monteiro Fernandes são os responsáveis do núcleo, que agrupa ainda um agente de viagens, um empregado de escritório e um bancário, uma professora primária e uma professora de ensino secundário.

Monteiro Fernandes, 50 anos, 5 filhos; nunca antes se empenhara partidariamente. Católico praticante, responsável pela formação contínua das paróquias de Abrantes, é fundamentalmente «numa perspectiva cristã» que adere à candidatura, sublinhando nela «a ideia de serviço».

Pintasilgo ganhará em Abrantes, assim como no Tramagal e em Alferrare-





de, mas Monteiro Fernandes confessou-se receoso dos efeitos junto das populações rurais das acções de contra-informação que traçam da candidata uma imagem pouco ortodoxa no plano religioso e ideologicamente ligada aos comunistas.

Na actual fase, que designam como de pré-campanha, os estrategas da candidatura definiram toda esta região como zona de primeira prioridade e apontam os concelhos de Seia, Santarém, Tomar, Torres Novas e Alcanena. São áreas onde o eleitorado oscilou, nos últimos 10 anos, entre o PS e a AD. A indústria tem um peso económico considerável nestes concelhos, mas é das actividades do sector primário que os agregados familiares continuam a depender para a sua subsistência. As prioridades seguintes vão, por esta ordem, para os concelhos algarvios, para Bragança e Carrazeda de Ansiães, para Braga, Guimarães, Santo Tirso e Matosinhos.

Depois de definido o quadro eleitoral e quando se entrar em campanha tudo será diferente. Sondagens efectuadas ao longo dos últimos meses levam a crer que Pintasilgo obterá os seus melhores resultados na região Lisboa/Setúbal (cerca de 2 milhões de eleitores, o que corresponde a quase 30 por cento do universo eleitoral) e no interior sul. Zonas de mais difícil penetração: o centro interior e o litoral norte. Daí a deci-



Pedro Barroso: em Riachos ela vai ganhar de certeza absolutíssima.

são já tomada de privilegiar o Porto ao longo de toda a campanha. A candidata passará lá pelo menos tanto tempo quanto em Lisboa (ver «Semana Santa no Nordeste e Romarias no Minho»).

**D**os resultados destas sondagens à opinião pública, bem como dos estudos feitos em Portugal e no estrangeiro sobre os comportamentos eleitorais da população, os especialistas que trabalham na candidatura retiraram as

seguintes conclusões fundamentais: grande implantação de MLP nas áreas da esquerda — PS e, sobretudo, APU (69%); audiência de 10% entre os eleitores do PSD e do CDS e franco apoio entre estratos populacionais das classes média e média superior (as classes chamadas baixas parecem evitar MLP...). Se Ramalho Eanes apoiasse a sua candidatura, MLP veria aumentar o seu eleitorado em quase 10 por cento, indo buscar votos a todas as áreas, excepto ao CDS e ganhando impacto entre os jovens (que parecem preferir Soares) e entre os cidadãos com mais de 50 anos, sobretudo das camadas baixas.

Independentemente das reservas que possam ser colocadas a este tipo de análise estatística, estes dados constituem um excelente indicador para o trabalho de preparação duma campanha que partiu do zero e que não contou até agora, nem é provável que venha contar, com o apoio de qualquer aparelho técnico partidário. Algumas perguntas, porém, só no acto eleitoral encontrarão resposta. Duas delas afiguram-se fundamentais: como se irão comportar os abstencionistas, e qual será o processo de transferência de votos da 1.ª para a 2.ª volta. O chamado «efeito de cortina Rádio/TV», principalmente o comportamento da televisão nos próximos meses em relação a MLP, constitui outro dos factores de eventual grande influência eleitoral.





## GRANDE REPORTAGEM

Quando a candidatura for oficializada, em Junho, tudo estará montado no terreno. A tarefa de Abril e Maio é levar a organização até ao nível de frequência e de empresa, numa acção de alargamento progressivo, na qual o conhecimento pessoal desempenha papel determinante.

A imagem de marca da campanha emerge aqui e ali, quando se encontra alguém encarregado do núcleo de apoio das Rádios Livres ou da Rádio Renascença, das instituições religiosas, das associações culturais, comissões de moradores, cooperativas, dos núcleos de apoio da imprensa católica, regional internacional.

Mas o grande trunfo, o mais seguro, é a irradiação pessoal de Maria de Lourdes Pintasilgo. Até ao dia das eleições, ela terá percorrido o país de norte a sul, entrando na maior parte das vilas, cumprimentando habitantes de algumas das mais recônditas aldeias.

Ao contrário dos que consideram o seu discurso hermético ou, talvez por isso e por uma mais não se sabe o quê, a que se costuma chamar capacidade de comunicação, há quem diga que o segredo da candidata no seu relacionamento com as massas rurais reside na utilização magistral do chamado léxico dos padres, que faz com que os crentes exclamem no final das homilias: «**não sei o que o sr. prior disse, mas falou muito bem.**» Populismo? Pintasilguismo?

**P**intasilguismo é talvez uma expressão (ainda) pouco correcta para designar uma certa forma de ver e viver, um corpo doutrinal que dê respostas ou funcione como referente para



Luiz Carvalho

**Sondagem:** implantação na esquerda, apoio das classes médias.

determinados comportamentos sociais. Os técnicos limitam-se de momento a anotar aquilo que designam como «**o efeito Pintasilgo**», isto é, o impacto desta personalidade sobre os portugueses.

Santos Silva, 35 anos, foi um dos militares que ocuparam o Rádio Clube Português na madrugada do 25 de Abril. Hoje está na reserva e trabalha como economista numa empresa de sondagens. Pensa que o 25 de Abril está enterrado. A candidatura de Lourdes Pintasilgo suscita-lhe alguma expectativa precisamente pela «**lufada de ar fresco que ela fez soprar no país**», há cinco anos. «**Quando foi governo, recorda Santos Silva, Pintasilgo foi uma espécie de parênteses em que a gente sentia que as coisas podiam correr bem, ou então menos mal.**»

Luís Moita, um dos fundadores do MAO, organização com a qual aliás diz ter perdido o contacto, identifica os traços dessa memória colectiva com um certo estilo de actuação que a levou a privilegiar o contacto directo com as

pessoas. O dirigente do MAO discorda dos que a acusam de populismo. «**O facto dela conseguir a diálise artista-público**», cita, sorrindo, «**é uma qualidade de governante (Mário Soares tem-na) e só isso não prova quaisquer tendências para o populismo porque este significa arregimentar multidões em volta de um líder, sem conteúdo político**». Ora, segundo Luís Moita, o outro traço fundamental da candidata é precisamente o conteúdo «**bastante inovador**» de um discurso através do qual faz «**com grande habilidade, a articulação entre os problemas nacionais e internacionais**». Esta dimensão internacional, do ponto de vista do nosso interlocutor, «**ultrapassa o provincianismo do discurso habitualmente debitado pelos políticos portugueses**».

**A** arquitecta Helena Roseta, presidente da Câmara de Cascais (PSD) acha que não existe pintasilguismo como fenómeno social, mas não tem dúvidas em dizer que MLP fez o primeiro e único discurso diferente a nível de governo, em Portugal. «**Um discurso solto, com uma visão feminina das coisas.**» Do seu ponto de vista nasce aqui, e não em divergências estritamente político-partidárias, a hostilidade das cúpulas dos partidos. «**O poder é masculino, é o poder da violência, da força do medo. A mulher quando leva a sua política por diante incomoda muito porque o seu é o discurso sem preconceitos, o discurso da persuasão, da sensibilidade.**» É por isso, conclui, que «**as mulheres que conseguem ter êxito na política, ou usam o poder masculino, como That-**

## Não sabem no que se meteram

**F**oi em Santarém na noite de 24 de Abril do ano passado que tudo começou, revela a GR o dinamizador de toda a região, Carlos Cruz, 47 anos, professor de Português e Francês na Escola Secundária de Marvila. «**Ao discutirmos o vazio da democracia que alastrava em Portugal, pensamos pela 1.ª vez a hipótese de cidadãos intervirem activamente na escolha de um candidato presidencial. Apanhámos a engenheira MLP cá nas comemorações e dissemos-lhe logo nessa noite: para levar à prática um projecto de esperança e de dignidade é a senhora que nos interessa. Ela sorriu, foi-se embora, mas 15 dias depois batemos-lhe à porta.**» Quem? «**Um grupo de cidadãos, quase todos independentes.**» Escreveram uma carta circular, datada de 12 de Junho, a pessoas de vários distritos e nunca mais deixaram Lourdes Pintasilgo, até à carta-apelo de Novembro de 1984.

A 3 de Março, num almoço no restaurante Chocalho, a conselheira de Eanes responde publicamente à carta: «**neste momento a minha resposta é uma determinação de me candidatar à Presidência da República**». No vídeo que o núcleo guarda, distingue-se ainda a voz de Pintasilgo — «**não sei se sabem no que se meteram**» — Mas as palmas abafam as suas palavras. A candidata avançará com algumas ideias chave que GR ouvirá mais tarde, expressas indistintamente por ela ou por apoiantes seus:

1. É preciso pôr o país a funcionar. Para que Portugal deixe de ser o país-de-faz-de-conta («**o país da cultura da beterraba adiada**», dirá noutra ocasião);

2. Os partidos não são mencionados nos artigos da Constituição referentes à eleição do PR. Ao indicar que são 7500 cidadãos que propõem as candidaturas, os constituintes pretenderam salientar a independência e liberdade dos portugueses na proposta e escolha do Chefe do Estado.

3. A Constituição revista de 1982 reserva ao PR um papel determinante. Exemplo: o art.º 123 define-o como garante da independência nacional («**então a dependência económica e cultural? então a dívida externa?**»); da unidade do Estado (a regionalização, o colocar da administração pública ao serviço do interesse público); e do regular funcionamento das instituições democráticas («**o povo quer ou não um Chefe do Estado vigilante e actuante face aos grandes problemas da vida nacional, entre eles a corrupção e o clientelismo?**») Citação de De Gaulle: «**cada presidente, com o mesmo texto, faz a sua equação dos poderes de que dispõe.**»

4. Salvar os partidos, sim. Mas olhe-se também a vida das pessoas. E o país. A democracia precisa dos partidos para ser democracia. Mas os partidos deixarão de ser os únicos actores em cena. Estabelecimento de contactos com outros parceiros sociais, que representam o respirar da sociedade.

Não será apenas uma diferença de estilo. Implícita nalguns destes tópicos, uma crítica à actuação de Ramalho Eanes. Consta de um dos membros da campanha da conselheira do Chefe do Estado: «**Temos um Presidente modelo de todas as virtudes e uma sociedade cheia de vícios.**» O que o leva a concluir: «**A ética tem de deixar de ser exclusiva de Belém e estender-se à sociedade. Não basta que o Presidente seja sério. É preciso que estabeleça regras e que torne extensivos aos actos públicos a sua própria honestidade.**» ■

A.G.





## Fundação Cuidar o Futuro

cher, ou acabam por ser marginalizadas, como Simone Veil ou Pintasilgo».

Helena Roseta publicará em breve, com a jornalista Fernanda Mestrinho, um livro sobre o poder e a mulher em Portugal.

Trata-se, portanto, de um tema que vem sendo objecto do seu estudo e acerca do qual emite opiniões definitivas: «a política portuguesa só tem uma das partes, o homem. É por isso que é tão chata, estéril e desumanizada».

A antiga dirigente do PPD/PSD recusa, porém, qualquer hipótese de apoio a MLP: «só não digo 'nunca' porque essa é uma palavra que devemos evitar, na política como no amor». Rodeia habilmente o cenário de uma 2.ª volta entre Soares e Pintasilgo: «se isso acontecesse é porque está tudo a funcionar errado».

O que é que poderá separar então estas duas mulheres (ia escrever *tesas*, mas Helena Roseta antecipou-se na entrevista: «dizem-nos: 'é um homem!'», como se fosse o maior elogio. Isso magoa-nos. Deixem-nos ser mulheres») uma da outra? Questões de método e de referências, do lado de Helena Roseta. «Sou uma reformista, enquanto ela é uma apregoada revolucionária. Como 1.º ministro tentou dar os saltos todos de uma vez. Fi-



Na sede da candidatura em Lisboa, os estrategas contam com o «efeito Pintasilgo».

zemos um percurso inverso: ela veio da direita para a esquerda; eu, da esquerda para o centro-esquerda, ou direita, como queira. Ela esteve na Câmara corporativa, na Igreja (esquemas pré e pós-Vaticano II), deu uma volta pela Unesco; as minhas origens são laicas — andei pelos sindicatos, pelas câmaras municipais, pelas comissões de moradores. Quer dizer, estive nas bases de que ela tanto fala, mas onde nunca esteve. Ela fala de coisas que não viveu, e eu estou a ver se as consigo fazer».

Maria de Lourdes Pintasilgo parece não deixar ninguém indiferente. Há os que são contra, decididamente. Os que apoiam, fazem-no, por via de regra, de forma entusiástica. O fascínio exercido por esta engenheira química, nascida há 55 anos no 2.º andar do número 20 da rua da Sardinha, hoje do Brasil, em

Abrantes, quebra, em muitos casos, a tradicional divisão esquerda-direita.

Há 10 anos, Helena Sanches Osório fazia campanha pelo PDC; em 1980, militava na AD. Um violento artigo contra Maria de Lourdes Pintasilgo mandado escrever por Amaro da Costa para publicação na imprensa seria o responsável pela sua saída da campanha e pela deterioração das relações entre ambos («tinhamos a mesma idade, ele foi um dos políticos mais vivos que conheci»).

O engenheiro Adelino Amaro da Costa, que pertencia à Opus Dei, tinha «uma admiração sem limites» pela dirigente do Graal e então primeiro-ministro, mas «achava que se não a destruissem (no plano político, evidentemente) seria ela a destruí-los». Quando «O Tempo» publicou o artigo, sob o título «A Santa da Ladeira», Helena Sanches Osório abandonou a campanha da AD. Cinco anos depois, dirige o gabinete de comunicação social da candidatura presidencial daquela a quem considera «a mulher mais moderna que existe em Portugal». Pintasilguismo? «A possibilidade de passar à prática uma Constituição perfeita». Casada com um militar que passou o dia 25 de Abril no posto de comando do Movimento das Forças Armadas, que acompanhou Spínola no 28 de Setembro e no 11 de Março, dirigiu o





## GRANDE REPORTAGEM

PDC, foi deputado pelas listas do CDS e é membro hoje da Associação do 25 de Abril, esta jornalista de 42 anos luta pela vitória nas presidenciais porque acredita que essa é a única maneira de haver estabilidade, de passar a haver regras.

**D**esestabilização é uma palavra que volta a ser ouvida nos meios políticos. O director do semanário Expresso desenvolveu pela primeira vez a tese do carácter desestabilizador da candidatura Pintasilgo em Outubro do ano passado. Segundo José António Saraiva, falta à candidata uma base sólida de sustentação. Essa base «tanto pode ser um partido, ou uma parte significativa das forças armadas, ou uma igreja, ou um conjunto de interesses económicos». Se os votos podem chegar para levar alguém ao topo do Estado, «jamais chegarão para o conservar no lugar». O eleitorado não se confunde com um grupo, prossegue o director do Expresso, para concluir que o mais provável, caso Pintasilgo ganhe, é que se desencadeie no país «uma guerra selvagem e incontrolável que acabaria provavelmente na conquista do poder pelo mais forte», perifrástica forma de anunciar um golpe de estado.

Lourdes Pintasilgo (ver entrevista) discorda total e frontalmente e contra-ataca. Luís Moita, a quem GR colocou a mesma questão, inicia a resposta

dando a volta ao argumento, várias vezes brandido também, de Maria de Lourdes Pintasilgo, representar o papel de sucessora de Otelo 76. «O discurso de Otelo era claramente um discurso de classe, de e para o movimento operário e popular; a candidatura Pintasilgo é interclassista. Otelo foi a última erupção do processo revolucionário português; MLP é a inovação possível da democracia estabilizada.»

Com base nestes pressupostos, na situação económica do país e no aumento das críticas à forma como as elites político-partidárias gerem o sistema, Luís Moita conclui que a fórmula aparentemente mais estável (Soares) pode conduzir a um endurecimento e crispação na sociedade portuguesa. Pelo contrário, a fórmula aparentemente mais frágil (Pintasilgo) pode funcionar como



Luiz Carvalho

Luís Moita: «a inovação possível da democracia estabilizada».

candidatura de Lourdes Pintasilgo para o Norte. Na cidade do Porto, sob a égide informal do professor universitário, funciona o coração de uma estrutura que, em relação a campanhas eleitorais anteriores, deverá apresentar algumas novidades. A primeira será a existência de «mandatários concelhios» e até de freguesia que a própria candidata terá sugerido.

O «passeio» da candidata por Trás-os-Montes, que nas palavras dos seus apoiantes correu «espectacularmente bem» terá contribuído para que o optimismo esteja instalado. Miranda do Douro, Carraceda de Montenegro e Moncorvo foram pontos altos de uma visita efectuada em ritmo de «turismo».

O apalpar do país real será a actividade fundamental da candidata até ao aparecimento formal da organização de apoio à sua candidatura. «Até lá, trata-se de organizar o pensamento de Lourdes Pintasilgo. É preciso que todos contribuam para que esse pensamento seja o resultante de aferições múltiplas...»

Principal responsável pelo Instituto Su-

válvula de escape de tensões acumuladas. «Desajustamentos entre as várias legitimidades democráticas exigirão acertos que só podem ser benéficos para as instituições porque serão dinâmicos». De resto, o discurso pintasilguista «tenderá a exercer a função de estímulo e interpelação na busca de novas políticas».

Sousa e Castro — como aliás outros militares ouvidos por GR — rejeita frontalmente a hipótese da eventual vitória de Lourdes Pintasilgo poder vir a desembocar num golpe de estado. «Um dos grandes méritos do general Ramalho Eanes foi o de colocar as F.A. numa postura democrática e constitucional. A tese da desestabilização, quer da instituição militar quer do tecido social, em caso de eleição democrática dum cidadão ou de uma cidadã para a Presidência da República, é pobre de conteúdo e destinasse a lançar alguma má fé que não se quer assumir frontalmente.»

Apontando o exemplo do general Firmino Miguel, que não aceitou «ser o candidato de palha dos partidos», Sousa e Castro diz que o vice-chefe do Estado Maior do Exército foi, no fundo, «o porta-voz dos militares de bom senso, democratas, que não aceitam ser instrumentalizados de forma absurda como a sua figura estava a ser».

A eventualidade da passagem de

## Fundação Cuidar o Futuro

### Semana Santa no Nordeste Romarias no Minho

**D**epois de um périplo transmontano, que incluiu a parte mais nordestina do território português, durante a Semana Santa, a «senhora engenheira» prepara uma «quinzena minhota», que deverá incluir visitas a todo o litoral a norte do Douro e ainda a localidades como Braga, Guimarães e Fafe, para além da zona de Basto.

A altura «propicia» para esta visita deverá ser o princípio de Maio (com a possibilidade de se iniciar nos fins do mês corrente). A escolha desta data está relacionada com a possibilidade de um «banho de multidão», aproveitando a realização das «Festas das Cruzes» em Barcelos, romaria que habitualmente junta naquela cidade algumas dezenas de milhares de visitantes. Acresce que este ano, ao mesmo tempo, se realiza em Barcelos o Campeonato da Europa de Hóquei em Patins...

O terreno está já bem preparado para que essa «quinzena» possa ser um êxito. «Em todas as localidades importantes do Minho estão já constituídos núcleos de apoio», informou Nuno Grande, o verdadeiro «mandatário» da

perior de Ciências Biomédicas Abel Salazar, do Porto, desde a sua criação, o professor Nuno Grande recebeu a GR no seu gabinete, na companhia de Alberto Martins, presidente da Associação Académica de Coimbra durante a «crise coimbrã» dos anos 60 e outro dos principais membros do Núcleo de Apoio à Candidatura de Lourdes Pintasilgo do Porto.

«Com certeza que está reservado ao Norte um papel importante na campanha eleitoral para a Presidência da República. E a região do país de maior percentagem de população jovem e activa...», justificou Nuno Grande. Este interesse não será alheio a indicadores surgidos nos últimos tempos que dão à região a norte de Coimbra um peso definidor nos resultados eleitorais, uma vez que poderá sair daí a maior «flutuação», em termos comparativos com eleições anteriores. Um desses indicadores dá mesmo ao Porto o carácter de «bastião» da possível candidatura de Mário Soares, tendência que naturalmente o «staff» de Lourdes Pintasilgo estará na disposição de «furar».

Mas afinal quem é que apoia a candidatura de Pintasilgo? Nuno Grande não tem hesitações: «Apoia-a quem se mantém no projecto político do MFA, quem se mantém independente no modo de fazer política e quem acredita na renovação cultural da sociedade.»

«A candidatura de Lourdes Pintasilgo é um espaço de esperança, de mudança e de rejeição de modelos já experimentados e falhados», continuou o nosso interlocutor. «As razões que me levam a empenhar nesta campanha são as mesmas, no fundamental, que me levaram a fazê-lo na candidatura do general Eanes, há cinco anos. Acredito profundamente que a elei-



testemunho presidencial dos militares para os civis tem vindo a ser tratada, aliás, de ângulos opostos, dependendo do nome do candidato civil. Diz à GR um elemento da candidatura: «Os mesmos que hasteiam a bandeira vitoriosa da democracia plena caso a passagem se dê do general Eanes para o civil Mário Soares, previnem hipocritamente que há o perigo das casernas desenterrarem o machado de guerra se os votos do povo português escolherem o civil Maria de Lourdes Pintasilgo.»

**O**s adversários dizem que se ela vencer é o MFA que regressa. Um MFA de saias, com toda a carga pejorativa que entre nós pode ter ser-se militar e usar saias ao mesmo tempo.

Curiosamente, GR ouviu a mais de um dos seus colaboradores, referências elogiosas ao lado «militar» da candidata. Um certo modo firme de comandar os grupos de trabalho e dirigir com efi-

cácia as reuniões, levou alguém do seu «staff» a confidenciar: «Ela é um general português.»

Três militares com acção operacional no 25 de Abril já aderiram publicamente à candidatura: major Sousa e Castro, ligado à Comissão Técnica Coordenadora; coronel Lopes Fisher, do Núcleo de Apoio Regional Lisboa/Setúbal; e major Sanches Osório. Sabe-se que há militares no activo envolvidos na campanha, e os colaboradores mais próximos não escondem a esperança de poder tornar pública a adesão de alguns nomes de peso da chamada área político-militar histórica. O major Marques Júnior é um deles. Na reserva desde há algumas semanas, ele faz parte, juntamente com Salgueiro Maia, do pequeno grupo de oficiais que atravessou incólume e prestigiado os diferentes ciclos do PREC.

«Muitos não dizem nem dirão nada, mas secretamente apoiamos-la», asseverou um coronel no activo. O nosso interlocutor, que comandou

tropas no 25 de Abril, reconheceu contudo que a candidatura lançará alguma perturbação entre os militares ligados àquela data e também a Eanes. Para além dos que apoiam e dos que não apoiam claramente, existem os que esperam que o Presidente da República se manifeste. Este grupo — aparentemente o mais numeroso — nutre simpatia por L. Pintasilgo mas pensa que será negativo o aparecimento de duas candidaturas na mesma área. O quadro ainda está por definir.

Já depois da desistência de Firmino Miguel, militares eanistas admitiram à GR a hipótese do Presidente avançar com — ou pelo menos patrocinar — uma candidatura tipo Garcia dos Santos. Segundo um desses oficiais, antigo conselheiro da revolução, o «show» Firmino Miguel inviabilizou o aparecimento de outras candidaturas da mesma área político-militar («ninguém quer surgir publicamente como a solução de recurso do PSD») mas o quadro político geral «pode oferecer mudanças bruscas e rápidas».

Membros da direcção da Associação 25 de Abril invocaram a legislação militar para não se pronunciarem sobre a matéria, e garantiram à GR que a Associação, enquanto tal, não tomará posição sobre as presidenciais. Isso não impediu, porém, um dos elementos mais destacados dos corpos gerentes de se manifestar convencido de que exis-



Jorge Tavares

Nuno Grande: futuro mandatário nacional?

ção para o PR é o único acto em que o cidadão pode escolher fora da área dos partidos.»

**N**uma tentativa de caracterização do espectro social que até agora se tem apresentado disponível para um apoio activo à candidatura da ex-primeiro-ministro, na área do distrito do Porto, os responsáveis locais da candidatura salientaram à GR que as «áreas mais activas são as dos professores, estudantes e intelectuais de um modo geral». Quanto a grupo etário, ele foi-nos definido como variando entre «os 35 e os 45 anos».

«Dir-se-ia que se trata de pessoas em quem se terão acumulado frustrações causadas pelo que aconteceu após o 25 de Abril de 1974 e que vêem em Lourdes Pintasilgo o único modelo de esperança numa verdadeira mudança.»

A questão seguinte é «lógica» e prende-se com as relações entre os «canistas» agrupados no PRD e os apoiantes de Pintasilgo. Nuno Grande e Alberto Martins garantem que não existem contactos formais com o PRD ou com qualquer outro partido ou movimento. «Temos recebido, e isso é verdade,

apoios oriundos de todos os partidos, incluindo militantes ou simpatizantes do PC e do CDS. De onde tem vindo maior encorajamento é sem dúvida da área socialista, o que é natural...»

«A minha convicção — diria Nuno Grande — é que o PRD, na sua origem pelo menos, tem objectivos comuns aos nossos mas interpretam-nos de modo diverso. O caminho do PRD para partido levou a divergências. Os caminhos podem e devem ser convergentes, mas serão percorridas rotas diferentes. A grande divergência prende-se com o facto de nós pensarmos que o PR não deve ser mediado pelos partidos, como já foi dito.»

Quanto ao futuro, o entendimento é de que qualquer apoio que partidos ou movimentos venham a dar à candidatura não será nunca «negociado».

Para já é possível, no que diz respeito ao Porto, registar a convergência de «uma certa esquerda», de gente oriunda, entre outros, do ex-MES, e de franjas intelectuais de origem mais diversa, alguns dos quais dos meios católicos. Movimentos como o MAD, o CES (Centro de Estudos Socialistas) ou o RAS

(Reflexão e Acção Socialista) estão também mais ou menos explicitamente ligados ao trabalho de pré-campanha. Isto para não falar na «tentação» que a candidatura é para muitos militantes do PS, do PCP... e do PRD. De um modo mais militante, estão comprometidos os membros do MDP, principalmente mais para norte, onde o seu apoio já causou «atritos» com os comunistas. Em Braga, o MDP denunciou mesmo a APU, em protesto contra um comunicado da responsabilidade do PC, em que «proibiam» o apoio a Pintasilgo. Noutro campo, o da Igreja, existe muito optimismo. «O clero está dividido. Existe bastante gente ligada à Igreja que apoia activamente a candidatura», afirmaram-nos.

Dessa actividade não pode desligar-se a desenvolvida pelo chamado «movimento Graal», que no distrito do Porto se tem desenvolvido de modo visível. Apesar de formalmente desligado da candidatura, a própria natureza da actividade do «Graal», que tem frequentes e regulares contactos com comunidades de base e ainda exerce actividades de apoio social a vários níveis, leva a que quase imperceptivelmente se crie um campo favorável ao apoio a Lourdes Pintasilgo.

Nuno Grande mostrou-se surpreendido com as notícias que o apontam como futuro mandatário nacional. «Penso que deverá ser uma pessoa de Lisboa, uma vez que terá que ter ligações com o Supremo Tribunal, e coisas assim...» Garante à GR que se Pintasilgo disse a alguém que o queria para mandatário, não foi a ele. E Pintasilgo mantém um contacto bastante regular com o professor do Porto. ■

Rogério Gomes





Luiz Carvalho  
«Ela fala de coisas que não viveu...»

tirá acordo entre a esmagadora maioria dos militares da Associação pelo menos em dois pontos: Mário Soares não é o seu candidato, e o mesmo acontecerá com qualquer eventual candidato saído da actual hierarquia das Forças Armadas, que ouvimos caracterizar por diversas vezes como nada tendo a ver com o 25 de Abril.

**A**lém de impreciso, será portanto abusivo considerar MLP a candidata do MFA. Melo Antunes, por exemplo, já se manifestou contra, e Vitor Alves não é encontrável também entre os apoiantes. Apesar disso, o antigo porta-voz do Conselho da Revolução, Sousa e Castro, não tem dúvidas em afirmar que a candidatura **tem o respeito de todos os militares que fizeram o 25 de Abril**. Major na reserva desde Janeiro, Sousa e Castro desempenha há três anos o cargo de presidente da Comissão Instaladora do Instituto Damião de Góis.

Muito ligado a Eanes, o seu apoio a MLP surpreendeu, conhecido o desagrado com que foi recebida em Belém a decisão da candidatura. Sousa e Castro contesta, dizendo que Eanes não tomou ainda **nenhuma atitude de apreciação de qualquer candidatura ou projecto de candidatura**.

O não apoio de Eanes a Pintasilgo é mesmo para ele uma falsa questão pois está convencido de que enquanto for Presidente, Eanes **manterá a postura institucional a que nos tem habituado de respeito pelas várias opções**. Quanto à simultaneidade do exercício de funções ligadas a Belém com a sua militância numa candidatura presidencial, Sousa e Castro reivindica o direito de distinção entre os planos pessoal e funcional, mas acrescenta desde já que o apoio à eng.<sup>a</sup> Pintasilgo se baseia nas mesmas razões que o levaram a apoiar Eanes em 76 e 80: **a necessidade da existência de um cidadão isento, imparcial, competente e apartidário a desempenhar as funções de Chefe do Estado**. Segundo Sousa e Castro, um dos pontos fundamentais da candidatura Pintasilgo é o dos cidadãos exercerem o

direito constitucional de eleger o Presidente da República livres de peias partidárias. **«Alguns partidos procuram um personagem independente, mas que eles escolhem para depois dizem que apoiam como independente.»** E prossegue: **«depois de termos visto a amostra pública do valor real daquele a que chamam o maior partido português, o PSD (cujos militantes não encherão metade das bancadas do estádio da Luz quando o Fernando Martins acabar o 3.º anel); depois de pensarmos que esse mesmo partido, com essa implantação no terreno, domina as finanças, os exércitos, as forças militarizadas, temos de reflectir sobre se, de facto, esta a ser reconhecido aos cidadãos, na prática, o direito conferido pela Constituição de se exprimirem fora das ordens políticas desses grupos restritos de interesses».**

Apelo à desobediência partidária? Sousa e Castro não concorda: **«agindo assim — e sublinho que é apenas nesta matéria de eleição presidencial — estaremos a contribuir para marcar as balizas constitucionais entre o que deve ser a obediência partidária e a livre expressão democrática dos cidadãos».**

Com 41 anos, 2 filhos, Sousa e Castro garante que o seu envolvimento nesta campanha não tem quaisquer objectivos pessoais. **«A filosofia política da campanha da senhora engenheira é a mesma da campanha do senhor general Ramalho Eanes: a acção política ao serviço dos outros.»** Isso não impede, porém, e em termos mais globais, que interprete o predomínio na campanha de militares, engenheiros, economistas, psicólogos e sociólogos como sinal iminente da substituição **«de uma elite jurídico-burocrática, instalada no poder desde o século passado, por uma elite funcional e técnica».**

Sousa e Castro sorri com algum desdém quando insistimos em conhecer nomes de personalidades apoiantes da candidatura. **«Quem costuma ser apresentado como personalidade po-**



Luiz Carvalho  
«...eu estou a ver se as consigo fazer»

lítica na nossa terra? Uma dúzia de advogados da praça de Lisboa, normalmente. Em termos de massa cinzenta, não troco alguns técnicos da campanha por vinte personalidades. Temos grupos de estudo cujo QI não é negociável.» Segundo Sousa e Castro, importa não esquecer outro facto: **«a personalidade da campanha é a candidata».**

Sem máquina partidária, aparentemente sem dinheiro (GR ouviu membros de vários núcleos queixarem-se da conta do telefone, dos custos da gasolina, dos almoços pagos do seu bolso); membro de um movimento católico tradicional e possuidora, ao mesmo tempo, de uma imagem de heterodoxia nos meios católicos tradicionalistas; mulher num país machista, Maria de Lourdes Pintasilgo fez já o pleno da **«Imprensa de coração».**

Entrevistas pedidas pela Crónica Feminina, pela Maria, pela Nova Gente — algum fenómeno há-de explicar a persistência da imagem de Maria de Lourdes Pintasilgo junto de um número considerável de portugueses, cinco anos depois de uma passagem de 150 dias pelo governo. Ou talvez, afinal, a explicação esteja à vista, simples, na reacção daquela mulher que ao vê-la, numa destas digressões da pré-campanha, não se conteve e gritou para dentro de casa: **«Ó Joaquim, anda cá ver que ela é igual à nossa Encarnação!»**

Se não houver acidentes do percurso institucional, Maria de Lourdes Pintasilgo tem o Verão e parte do Outono para levar a mil aldeias do país a imagem viva de todas as Encarnações. Depois, por um domingo de Novembro ou Dezembro, entre Soares e Pintasilgo, virá o povo que escolherá. ■

Adelino Gomes





# Cinco perguntas aos líderes parlamentares

1. Como explica o facto de Maria de Lourdes Pintasilgo aparecer sistematicamente à frente das sondagens para as presidenciais?
2. Acredita que a candidatura Pintasilgo pode ter êxito sem o apoio de nenhum dos 4 maiores partidos?
3. O seu partido apoiará a candidatura? Porquê?
4. Admite a possibilidade de o seu partido vir a apoiar MLP numa hipotética 2.ª volta contra Mário Soares e/ou Firmino Miguel?
5. Como definiria o pintasilguismo?



Luz Carvalho

## José Luis Nunes (PS):

1. Sinceramente gostaria de dizer que certas sondagens são, hoje, menos um método de conhecer as orientações ou tendências da **opinião pública**, e mais um processo de influenciar essa mesma **opinião pública**, promovendo certas figuras.

Daí a **reserva** que faço às sondagens a que se refere.

Como quer que seja, certa **comunicação social** tem dado uma imagem pouco exacta de **Maria de Lourdes Pintasilgo**, na sua actividade política, antes e depois do 25 de Abril.

É minha convicção que, na medida em que a imagem reflectida se adequa à realidade, a eng.ª Maria de Lourdes Pintasilgo verá a sua posição, nas sondagens, diminuir sensivelmente.

2. Não acredito que tenha qualquer possibilidade de êxito, quer consiga apoio partidário quer não consiga.

3. A resposta negativa é evidente. As suas razões são óbvias.

4. Muito embora a pergunta esteja prejudicada pela resposta anterior, é minha convicção que MLP, se for candidata, nunca passará à 2.ª volta. Talvez porque, afinal, a candidatura de MLP tenha a dimensão «quixotesca» de resto bem patente na carta ao prof. Caetano.

5. Trata-se, aparentemente, de uma forma, pouco trabalhada, de colonialismo, ditadura e casas para pobres (antes do 25 de Abril) e de anticolonialismo, terceiro-mundismo e bairros sociais (depois do 25 de Abril).



João Bafo

## António Capucho (PSD)

1. A explicação afigura-se simples. Maria de Lourdes Pintasilgo, a par de Mário Soares, são os únicos candidatos claramente assumidos e projectados. Os

demais nomes que figuram habitualmente nas sondagens não passam, por enquanto, de meras hipóteses. Aliás, na área da social-democracia e à direita desta, aparecem invariavelmente vários nomes, o que divide a intenção de voto desses sectores. Finalmente, Maria de Lourdes Pintasilgo faz praticamente o «pleno» da intenção de voto do eleitorado tradicional do Partido Comunista, recolhendo também provavelmente a preferência de alguns sectores da área eanista.

Em suma, nada de extraordinário ou de imprevisto...

2. Provavelmente não terá o apoio expresso de nenhum dos quatro maiores partidos, pelo menos à primeira volta. Já não sei se terá ou não o apoio implícito ou discreto de um deles. De qualquer modo, com ou sem apoio, não prevejo êxito a essa candidatura, embora não deixe obviamente de a considerar uma candidatura importante.

3. A pergunta é claramente dirigida a outrém. Não faz sentido o PSD apoiar candidaturas que representam projectos com os quais não nos identificamos minimamente.

4. O PSD apoiará à 2.ª volta o mesmo candidato que apoiar à 1.ª volta. Apoiará um candidato ganhador, logo um candidato que passa à 2.ª volta.

5. Terceiro-mundismo à portuguesa, isto é, com laivos de sebastianismo e afloramentos de nacional-porreirismo (espero bem que a eng.ª Pintasilgo não se ofenda comigo: apesar de profundas divergências, tenho por ela o maior respeito pessoal).



## Nogueira de Brito (CDS)

1. Naturalmente porque a senhora Dona Maria de Lourdes é até ao momento o único candidato confirmado, para além do dr. Mário Soares, sendo certo que, por razões de tática eleitoral e de sobrevivência da coligação, o próprio 1.º ministro só no estrangeiro se tem atrevido a tratar mais desinibidamente o problema da sua candidatura. Ora, apenas em confronto com o dr. Mário Soares, é natural que o desgaste político que para este têm representado os péssimos resultados do governo, acabe por assegurar algum avanço à senhora D. Maria de Lourdes.





2. O CDS tem defendido a autonomia da candidatura presidencial, o que não significa que ela possa prescindir do apoio dos partidos. Estou mesmo convencido de que sem apoio partidário não poderá ter êxito a candidatura da senhora D. Maria de Lourdes ou qualquer outra. Estou, porém, convencido de que a consolidação da candidatura em causa acabará por se fazer com apoio partidário que poderá, no entanto, não ser um apoio expresso, mas resultar simplesmente da ausência de candidaturas próprias ou de apoio a outro candidato.

3. Não apoiará com certeza. Exactamente porque a candidatura da senhora D. Maria de Lourdes representa a tentativa de prolongar em Portugal a situação saída da inflexão revolucionária socialista, que teve lugar em 1975, prolongamento a que o CDS tem procurado sem desfalecimento pôr fim, sendo mesmo esse um dos seus principais objectivos políticos.

4. A resposta está implícita na abordagem da questão anterior, isto é, não vejo que isso seja possível. Resta-me apenas manifestar a esperança de que o cenário da eleição presidencial não venha a concretizar-se do modo apontado.

5. Eu diria que o pintasilguismo representa a cristalização da desconfiança nos indivíduos e nos seus agrupamentos naturais capazes de promover o desenvolvimento e o bem estar. Significa portanto a definitiva consagração do Estado como único promotor nesses domínios. Representa também uma atitude de resignação a que não devemos condenar os portugueses.



João Baflo

**Raul de Castro (MDP/CDE):**

No seu V Congresso, realizado em Junho de 1984, o MDP/CDE definiu as linhas gerais da posição do partido em relação às eleições presidenciais e, em especial, no que respeita ao perfil do candidato que o MDP/CDE apoiará e que terá de ser uma figura nacional que permita antever uma provável vitória eleitoral.

A nossa intervenção no processo eleitoral para as presidenciais de 1985 terá como objectivo fundamental a eleição

de um Presidente da República que se identifique com os valores do 25 de Abril, ofereça garantias de intransigente cumprimento da Constituição da República e assegure a independência daquele órgão face a arranjos partidários sem reflexo positivo no progresso da sociedade portuguesa.

Pensamos que a vitória de um candidato que corresponda a este perfil será possível na base de uma ampla convergência democrática, para a qual estamos dispostos a contribuir, e não deixaremos de o fazer logo que as condições políticas se esclareçam suficientemente e que o quadro de eventuais candidaturas esteja clarificado.



João Baflo

**António Gonzalez (Partido Os Verdes):**

1. MLP aparece realmente aos olhos do cidadão eleitor como uma esperança, como uma alternativa humana e honesta, sem jogadas de bastidores nem cambalhotas estratégicas de último minuto. Pessoal e tecnicamente tem características que despertam a confiança e um certo grau de afectividade.

2. Acredito, pois a dinâmica de MLP não passa pelas dinâmicas dos partidos. Estes poderão facilitar a sua eleição, mas não são factores condicionantes.

3 e 4. Os Verdes, como partido, não tomaram uma posição definida em relação às eleições. Espera-se uma reunião especial do Conselho Nacional para tomar uma posição nesse sentido. O que conta neste inquérito é a minha posição pessoal, que deriva do meu conhecimento do perfil humano, técnico e filosófico de MLP.

5. É uma mulher com um projecto humano muito parecido com as preocupações que os ecologistas colocam em relação a esta sociedade lucrativa e desumanizada em que vivemos. As suas posições são identificáveis com uma acção de sensibilização, de pedagogia, que os grupos alternativos defendem. É uma mulher, é um projecto pelo que sei bem apoiado por número muito grande de pessoas deste país, porque de base, porque se identifica com uma regionalização onde a participação popular é máxima.



Lairz Carvalho

**Magalhães Mota (ASDI):**

Invocou a dissolução do partido como argumento para não responder. Convidado a fazê-lo em nome individual e até porque tem sido noticiada a sua pertença à «cúria» de amigos que informalmente e em grupos separados «aconselham» Maria de Lourdes Pintasilgo, Magalhães Mota disse que é ele quem há-de escolher a oportunidade para se manifestar sobre esta matéria.



João Baflo

**Carlos Brito (PCP):**

De momento, consideramos que não é oportuno responder a este inquérito da Grande Reportagem.



Lairz Carvalho

**Lopes Cardoso (UEDS):**

Não respondeu.

A.G.



# «Quero pôr o país a funcionar»



**Na corrida para as presidenciais, as sondagens dão-lhe o 1.º lugar — uma ameaça para a democracia, dizem os seus adversários. Como, com que apoios e a contar com que votos pode uma portuguesa sem suportes partidários candidatar-se à Presidência da República?**

**N**as horas vagas, se ela pudesse, tocava piano. Ouve pouca rádio e mais televisão: no dia a dia o telejornal, normalmente, o transmitido do Porto, que considera mais bem feito. Achou -absolutamente fora de série- o «Revisitar o passado em Brides Head». Vai ao teatro menos vezes do que gostaria. Último filme que viu: «Passagem para a Índia».

Está a ler vários livros ao mesmo tempo. Nas línguas originais: «Le rouge et le noir» de Catherine Nèy (uma biografia de Mitterrand); «The Voyage Out», o primeiro romance de Virginia Woolf («e assim para quando estou muito cansada das outras coisas»); um livro de teologia do célebre Hans Kung («mas este livro é ortodoxo») e a «Notícia da cidade Silvestre» de Lidia Jorge.

A primeira pergunta é formulada. Maria de Lourdes Pintasilgo pede à sua companheira de sempre do Graal e do Governo, Teresa Santa Clara, que saia da sala: *não consigo estar a falar com uma pessoa crítica como tu és ao lado*. Presta-se então ao ritual das perguntas. Fita o entrevistador, mas espia o fotógrafo pelo canto do olho. Rebelar-se contra o ângulo mil vezes escolhido «por causa da luz», e escolhe ela própria um outro canto da sala de estar da sua residência, ali a dois passos da sede dos serviços da candidatura.

**O**s votos chegam para colocar uma personalidade em Belém, não chegam para a sustentar na chefia do Estado se ela não dispuser do apoio dos partidos, das Forças Armadas, da Igreja, dos empresários, dos sindicatos. Formulada em Outubro, a conclusão desta tese começa a circular nos meios políticos: haverá um golpe de estado se a senhora for eleita.

— A minha primeira reacção é esta:



*meus senhores, e a democracia? Se não é com os votos, onde começa então a democracia?* Nessa análise há um conjunto de pressupostos que os factos se encarregarão de rebater.

Como já não vivemos no tempo em que o povo vinha para a rua armado de varapaus, falar em golpe de estado é falar nas Forças Armadas, o que se torna ofensivo. Em primeiro lugar porque era considerar que tinha sido em vão o trabalho realizado pelo general Ramalho Eanes, ao longo destes anos, no sentido da democratização das FA e da sua subordinação ao poder político. Por outro lado, seria esquecer algo que foi um fenómeno na vida moderna, mesmo a nível internacional: os militares podiam ter permanecido no poder anos e anos seguidos, mas não quiseram. Não há razões para pensar que neste momento

actuariam de modo diferente. A não ser que pensássemos que os nossos militares eram incrivelmente pouco modernos, menos modernos que os militares da Inglaterra, da Holanda, da Dinamarca, da Islândia, de Malta, onde há chefes de Estado mulheres.

**A sua candidatura interessa ao PC porque ela é geradora de instabilidade...**

— ...Discordo que gere instabilidade!

**...vai atenuar a importância dos partidos...**

— ...estamos a confundir!

**... e dos resultados eleitorais.**

— Realmente aí não aceito! (*veemente*) Não aceito a acusação de instabilidade. O que é então estável? É uma situação política em que os líderes dos partidos se mantêm permanentemente em foco, fazem todos os passos de valsa e de quadrilha que entendem, e em que a vida dos cidadãos se deteriora? Em que os salários reais descem 20 por cento em oito anos? Em que a descida do investimento industrial, em 1984, é da ordem dos 35 por cento e em que os empresários não sabem como hão-de investir porque faltam regras claras, porque não existe pleno desenvolvimento económico-social? Escolas onde, por exemplo, se decide em Fevereiro que o funcionamento do 12.º ano vai ser diferente este ano ou onde se pretende agora regressar ao esquema académico do princípio do século? É estável uma situação de total partidari-zação e governamentalização da comunicação social? Se a tudo isto se chama estabilidade, é claro que eu serei muito instável. Nada disto poderá acontecer comigo na chefia do Estado.

**A instabilidade poderá estar aqui: a sr.ª engenheira afirma-se disposta a chamar outras forças sociais, económicas, culturais, numa forma mais orgânica e continuada na condução da vida política.**

— ...é evidente.

**Mas isso não é uma subversão do sistema democrático representativo e parlamentar?**

— De modo nenhum. A nossa Constituição é absolutamente clara: a participação activa e directa dos cidadãos na vida política é condição e instrumento fundamental de consolidação do sistema democrático (art.º 112.º) tendo os cidadãos o direito e o dever de participar na gestão da coisa pública, quer directamente quer através dos seus representantes eleitos (art.º 48.º). Os seus representantes tanto funcionam no plano das estruturas de poder político, como funcionam no plano das numerosas associações — algumas das quais, aliás, são já reconhecidas como parceiros sociais. *Instituições* não são só as sedes de poder político.

**São as principais...**

— ...Mas não são exclusivas. Se a democracia é o exercício do poder pelo povo, se a nossa Constituição aponta





para a consolidação da democracia participativa, isso significa que, a todos os níveis, desde o governo aos empresários e às escolas, tem de ser estimulada a possibilidade de participar.

**Quer dizer que nos devemos preparar para o ressurgimento, ao lado do governo, de poderes paralelos?**

— Será que alguém se atreve a chamar para elas às numerosas iniciativas de colóquios sobre, por exemplo, a entrada na CEE ou sobre uma «Terceira Vaga» de que as pessoas mal tinham ouvido falar, embora o Toffler já fosse lido e discutido antes do 25 de Abril nos círculos verdadeiramente europeus (mas algumas pessoas só agora é que chegaram às portas da Europa, com certeza tinham então outros limites). Ou será que essas iniciativas se destinam apenas a funcionar como «bouquets» de flores que dão um efeito bonito nas jarras? Penso que se pode e deve agarrar em todo este potencial rico e inovador de ideias, canalizando-o para a transformação da vida social e para a melhoria da vida dos portugueses. Não se trata dum sistema paralelo. Trata-se do cumprimento da Constituição e do princípio fundamental da dignidade do Estado. Ainda há dias ouvi ao presidente do Governo espanhol uma ideia que venho repetindo há anos: a maior riqueza de um país são os seus homens e as suas mulheres. O que te-

mos de fazer, portanto, é um esquema claro de desenvolvimento dos nossos recursos humanos e de racionalidade de gestão política que seja capaz de os aproveitar. A democracia participativa é o fio que percorre toda a nossa Constituição. Dar voz activa a todas essas expressões não é nada de paralelo. É complementar e enriquecer a democracia representativa.

**Não haverá então poderes paralelos. Mas vai haver governos de iniciativa presidencial?**

— Não considero que o panorama político-partidário esteja minimamente esclarecido para poder dizer como vão ser os governos. Temos tido demasiados interregnos na acção governativa, uns provocados por mudanças de governo, outros impostos não por qualquer moção de censura do parlamento mas por aquilo que se passa nas cúpulas das máquinas partidárias. Quando aos órgãos do poder se substitui o funcionamento dos partidos políticos estamos perante um mau funcionamento das instituições democráticas. Não é portanto ainda altura, sobretudo aparecendo no horizonte a possibilidade de um reordenamento político partidário...

**... Está a referir-se ao PRD?**

— É óbvio. Ele será, esperamos, não só mais um partido mas também um partido novo na forma de funcionar. Assim, através de programas pró-

\* prios, creio que nós estaremos em condições de poder decidir de que governos precisamos para este país. Governos que durem a legislatura mas que também possam ser responsabilizados pelo cumprimento ou não cumprimento do seu programa. Não falo de promessas eleitorais. Falo de programas aprovados na Assembleia da República. Se o Chefe do Estado é de facto o supremo magistrado da Nação, ele impor-se-á com a dignidade e a responsabilidade que lhe advirão do sufrágio universal.

**A propósito de PRD: como pode ser credível e ganhadora uma candidatura como a sua, que não faz sequer o pleno da aceitação no partido que lhe está mais próximo?**

— Ninguém, com intervenção na vida pública, poderia fazer o pleno do PRD a não ser o general Eanes. É uma questão óbvia e que eu não dramatizo. De qualquer modo é uma área com a qual tenho afinidades. Há pessoas que estão simultaneamente nos dois grupos. De resto, a consulta interna do PRD deu maioria inequívoca ao meu nome. Mas já que me fala do PRD, deixe-me dizer que a minha candidatura atravessa transversalmente todo o eleitorado português.

**Mesmo o da direita?**

— Com certeza. O que se convencionou chamar a direita portuguesa tem uma forte componente conservadora no

Fundação Cuidar o Futuro



Space AGENCIA DE VIAGENS TRAVEL AGENCY





sentido nobre do termo que lhe vem de raízes profundas, de uma ligação aos valores cristãos e de um conjunto de princípios essenciais da nossa vida privada e pública. Essa fracção da direita (maioritária, talvez, em termos eleitorais) sabe distinguir onde estão os valores coincidentes com os seus e onde estão outros projectos que porventura lhe são alheios.

**Há quem diga, pelo contrário, que o país não resistirá à engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo. A sua passada vai provocar receios no país profundo. Recorda-se, a propósito, que a AD ganhou quando a senhora era 1.º ministro.**

— A AD ganhou quando eu não tinha participação nenhuma nas eleições. **Eram dois projectos em causa.**

— Mas eu não fui parte nas eleições de 79! De resto, não havia convergência nenhuma entre a minha acção no Governo (estava a preparar as eleições) e os programas dos dois outros partidos. A área natural que me poderia ter apoiado — a do PS — teve uma atitude de sábia prudência ao abster-se na moção de rejeição proposta pelo PSD e pelo CDS.

**Na noite da reeleição do presidente Eanes, falou na necessidade de revitalizar o tecido social e das pessoas se organizarem. Não acha que as pessoas foram olhando cada vez mais para si próprias e que, cinco anos depois, a sua mensagem está ultrapassada?**

— Aqueles que neste momento são capazes de esquecer as benesses possíveis, e se empenham nesta candidatura, estiveram, apesar das dificuldades crescentes ao nível do aparelho de estado, envolvidos justamente nessa tarefa. E nos mais diferentes domínios desde a música, o teatro, a defesa do património até aos empresários e trabalhadores que procuram uma dinamização dos respectivos sectores contra o obscurantismo da nossa política económica e fi-

nanceira. Há ainda grandes focos de vitalidade — ia, até, dizer de resistência. Mas atenção: esses focos não se polarizam em termos de direita e de esquerda.

**A senhora recusa sempre essas qualificações de esquerda e direita. Mas toda a gente sabe que no dia das eleições a sua candidatura irá buscar votos sobretudo à esquerda.**

— Recuso e sabe porquê? Porque, à excepção de um partido que mantém um comportamento de acordo com o seu programa, e que eu não partilho, é irrelevante.

**... O Partido Comunista?**

— ...Exacto. À excepção desse, todos os outros partidos portugueses nada têm a ver com o seu próprio programa nem com a sua sigla. Que sentido faz portanto em Portugal falar de esquerda e de direita? Há ou não, ao longo destes anos, uma deslocação de preocupações, das metas a atingir, feita pelos vários partidos que nos leva a perguntar onde é que estão, na prática, a direita e a esquerda?

**Não pensa que são justas as críticas que lhe fazem de vir da direita para a esquerda, isto é, de, apesar duma grande capacidade de análise que todos lhe reconhecem, não ter cortado com o regime anterior?**

— Eu não tive com o regime anterior nenhum contacto institucional ou pessoal até à chegada do prof. Marcelo Caetano ao Governo. Trabalhei no sector privado, na CUF (um período riquíssimo em termos de conhecimentos humano, económico e técnico) e tive depois um período de trabalho internacional no quadro do movimento católico ligado ao desenvolvimento do hemisfério sul. Retenho desse período um episódio passado em Acra, capital do Gana, primeiro país independente da África negra. N'Krumah disse aos jovens estudantes participantes no 1.º seminário dos estudantes universitários ao sul do Sara: *«Amanhã a África será*

*cristã.*» E eu, que presidia ao seminário, respondi-lhe: *«Estes jovens estão a olhar para si como um símbolo daquilo que desejam para os seus países.»* Não lhe escondo que no regresso tive algumas dificuldades mesmo no seio da própria Igreja.

**Mas a sua imagem desse tempo é a que traçam as cartas da ONU ao prof. Marcelo Caetano, agora acabadas de divulgar?**

— As duas cartas publicadas são uma espécie de guia de remessa. Falta-lhes o contexto. Vinham a acompanhar a intervenção que fiz e na qual, dentro de um determinado enquadramento, produzia a afirmação fundamental: o governo português aceita e defende o princípio da autodeterminação para os seus territórios. Apenas pede que ela tenha em linha de conta não apenas factores de ordem política mas também de ordem social e cultural que dizem respeito à convivência de Portugal com estes povos durante vários séculos.

Há oito anos que a delegação portuguesa não intervinha. Chamavam-lhe «the silent delegation». Quando o prof. Marcelo Caetano me convidou para integrar a delegação disse-lhe, como lhe tinha dito quando me convidou para a Câmara Corporativa que, face à dicotomia ultramarina que ele tinha posto nas eleições de 69 — a guerra ou o abandono — eu via uma terceira hipótese.

**Qual?**

— A negociação. Este era o meu pensamento. Disse-lhe: *eu vou, mas para dizer que a autodeterminação é um direito e que o Governo português está decidido a reconhecê-lo dentro de um determinado conjunto de parâmetros.* O chefe da delegação portuguesa, António Patrício (irmão do MNE de então), não me queria autorizar a fazer a intervenção e foi por isso que decidi escrever ao presidente do conselho. Quando digo na carta que tenho gosto em colaborar com ele dentro da sua





Um aperto de mão vigoroso: -temos um Presidente sério e uma sociedade cheia de vícios.-

tempo — deixe-me dizer-lhe — há um grande interesse pela minha candidatura por parte de movimentos cristãos de mulheres e de outros círculos internacionais, tanto da Europa como da América do Norte e do Sul.

**Quer dizer que vamos ter uma pugna eleitoral em todos os planos — nacional e internacional — com o dr. Mário Soares. Qual é a sua vantagem?**

— Olhe... (mostra as mãos) ...as mãos limpas. No sentido em que não vivo num universo de benesses. Parece-me que tenho uma perspectiva de atendimento, de vivência, de resolução dos problemas que tendem a conferir ao Estado a sua dignidade própria.

(Faz um parêntese): Não ponha isso das mãos limpas. Dá ideia que estou a dizer que Mário Soares tem as mãos sujas e eu acho que não tem. Vou-lhe responder doutra maneira.

É um problema de crédito em termos estritamente pessoais.

**Pode explicar melhor?**

— Bom, eu sou uma má candidata porque não sou capaz de fazer o meu próprio elogio. De qualquer modo, penso que se há candidatos que foram primeiros-ministros, é legítimo avaliar a sua capacidade de estar à frente do Estado através da forma como viveram a função de chefiar o Governo. Do ponto de vista nacional e internacional, tive suficientes ecos daquele pequeno período em que fui 1.º ministro. Foram 150 dias que deixaram em Portugal a marca que se reflecte agora nas sondagens. No plano internacional, tenho começado a fazer parte de várias instituições justamente porque as pessoas se interessaram e reconheceram na minha postura durante o 5.º governo alguma coisa que poderia dar um contributo para as organizações internacionais onde me encontro agora como membro de pleno direito. É o caso da Universidade das Nações Unidas, do Conselho de Interação dos Ex-Chefes de Governo, é o do Clube de Roma.

**Que designação prefere para a sua candidatura: candidatura contra o sistema, ou candidatura da purificação do sistema?**

— Purificação é um pouco farisaico. Mas do *por em execução o sistema*, sim. Quando eu digo que, com esta candidatura, quero pôr o país a funcionar, quero dizer: que o governo governa; que a Assembleia controle o governo; que os deputados sejam responsáveis perante os seus eleitores; que a Administração Pública esteja, como manda a Constituição, ao serviço do interesse público; que se cumpram as normas constitucionais relativamente ao Plano, à Regionalização, e aos grandes direitos dos cidadãos. É o sistema em pleno funcionamento. É a candidatura da estabilidade contra a pseudo estabilidade. ■

Adelino Gomes

constante orientação é precisamente porque ele nunca se opusera a esta linha de orientação. Se entrevistar o Marcelino dos Santos, ele dir-lhe-á que foi a partir dessa intervenção na ONU que os africanos pensaram que tinham alguém do seu lado. Através da vice-presidente do Comité dos 24, embaixadora da Serra Leoa, começaram então negociações para eu poder dialogar com Marcelino dos Santos.

**Quer dizer que a senhora engenheira era então a consciência de esquerda de Marcelo Caetano?**

— Talvez. A verdade é que, sendo eu uma pessoa sem interesses por detrás, ainda hoje não percebo porque é que, se o prof. MC discordava de mim, não mo disse e me deixou voltar no ano seguinte a Nova Iorque. E só não voltei em 1973 porque eu própria entendi que o não devia fazer. Não me fora possível começar as conversações a que aliás Marcelo Caetano dava aprovação, apoiado por outro ministro que, pela sua experiência em Moçambique, estava extremamente aberto ao problema da autodeterminação do ultramar português.

**...Baltazar Rebelo de Sousa?**

— ...não digo o nome. A iniciativa estava na forja, mas foi contrariada pelas outras forças do regime.

**Disse que não tem interesses por detrás. Onde é que vai chegar o dinheiro para a campanha?**

— Neste momento a generosidade

das pessoas envolvidas é tal que está a haver contribuições do bolso de cada um.

**Não vai receber ajuda de empresas e de entidades?**

— Se houver empresas interessadas em dar apoio, por certo que sim.

**Mas julga que é possível fazer-se uma campanha com impacto nacional apenas com a ajuda dos activistas?**

— Haverá com certeza processos legítimos, usados tradicionalmente nas campanhas, para se recolher fundos: um espectáculo aqui, outro acolá.

**Isso basta?**

— Poderemos encontrar outras fórmulas. Ainda estamos no princípio. Mas vejo uma tal mobilização, que estou convencida que é possível.

**Se for Presidente da República, que fará que ainda não tenha sido feito em relação a Timor Leste?**

— (longa pausa) É-me difícil responder a essa pergunta dum ponto de vista ético, porque sou consultora do PR especificamente para essa matéria. Acho que não posso responder.

**Ficará admirada se os sectores mais tradicionais da Igreja hostilizarem a sua candidatura?**

— Acho que não vão hostilizar. A Igreja portuguesa tem muito em linha de conta os valores tradicionais e, consequentemente, há-de reconhecer a grande preocupação que tenho em defender os valores nacionais. Ao mesmo